

O TRÁGICO COMO ESSÊNCIA DO HERÓI ÉPICO NA *ILÍADA*

Alexandre Franco de Sá

O épico e o trágico surgem geralmente como os dois elementos estruturais por cuja oposição é possível ver nascer a figura do herói na cultura grega. À luminosidade solar e apolínea, ao equilíbrio formal do herói épico, opõe-se a obscuridade nocturna, o excesso *húbrico* do herói trágico. No entanto, a pura oposição entre o trágico e o épico deixa escapar uma unidade mais fundamental que os reúne sob uma mesma essência. Tal unidade foi aliás já considerada por Aristóteles, quando na *Poética*, 1449b, não encontrou senão uma barreira formal a separar a epopeia da tragédia. Ainda que o trágico e o épico se diferenciem numa dimensão mais profunda do que a simplesmente formal, ainda que eles se oponham como o obscuro e o solar, como a noite e o dia, eles encontram-se reunidos enquanto expressões da grandeza humana. Quer o trágico quer o épico caracterizam-se na sua essência como manifestações das acções grandes do homem, como manifestações da heroicidade.

O presente estudo pretende precisamente considerar esta essência subjacente à unidade do trágico e do épico, mostrando de que modo a sua relação se pode considerar análoga à que Nietzsche estabeleceu entre Apolo e Dioniso. Do mesmo modo que é no fundo obscuro dionisíaco que a forma luminosa apolínea encontra o seu íntimo fundamento, pretende-se mostrar como é possível encontrar no trágico a essência do próprio épico. É através da análise da heroicidade presente na épica, particularmente na

Ilíada, que se procurará assinalar o trágico como a estrutura fundamental da heroicidade grega.

1. O esforço, o sofrimento e a consciência como fundamentos da heroicidade: a necessidade como primeiro elemento trágico

"O homem é o sonho de uma sombra."

Píndaro. VIIIª Ode Pítica, 95

O herói é, antes de tudo, um homem excelente cuja excelência deriva em proporção directa do seu esforço. A sua humanidade, ainda que nunca abandonada, desdobra-se até um plano cuja integral compreensão lhe escapa. O herói é sempre um homem, mas é-o sempre no limite da sua humanidade, forçando-o permanentemente num supremo esforço de ir além de si mesmo. Este supremo esforço, no qual consiste a heroicidade propriamente dita, constitui em si mesma a ἀρετή humana, a suprema excelência que aos humanos é dada alcançar. É esta a razão pela qual o herói reserva ao inimigo um respeito quase sagrado: dir-se-ia que o herói ama o inimigo, porquanto é pelo valor deste que ele próprio será valorizado, isto é, porquanto é sobre a heroicidade vencida deste que se constituirá a sua heroicidade.

Assim, a luta heróica não pode ser feita na sombra, encoberta com traições e vilezas: o combate heróico é, por exigência da sua natureza, essencialmente solar, sendo na luta corpo a corpo que um herói ou será honrado pela heroicidade do herói vencido ou honrará pela sua o herói vencedor. O melhor exemplo deste respeito sagrado que um herói manifesta pelo outro encontra-se na descrição do combate entre Heitor e Ájax¹. No começo, Ájax dá a Heitor a honra de começar o combate; e Heitor replica-lhe: "Com um guerreiro da tua qualidade não usarei de astúcia ou insídia; hei-de combater de frente, levar-te-ei à viva força". No final, perante a impossibilidade de continuar o combate, não se encontrando nenhum dos dois na condição de vencedor ou de vencido, trocam ambos presentes e retiram para o meio dos respectivos exércitos. Outro episódio onde o podemos observar consiste no do encontro entre Glauco, aliado dos troianos, e Diomedes². Descobrimo-nos comprometidos pelas respectivas

¹ *Ilíada*, VII, 206-312.

² *Ilíada*, VI, 119-236.

linhagens com os deveres da hospitalidade, os dois guerreiros "saltaram dos seus cavalos, apertaram as mãos e juraram lealdade"³. São aliás frequentes os exemplos dos quais se pode concluir que é do valor do herói inimigo – melhor: do esforço que lhe exige a derrota de um inimigo valeroso – que o herói retira o seu próprio valor, ou seja, que é por ele que o herói se encontrará como herói. É extremamente explícito o caso de Ulisses, ao matar Soco dizendo: "domado por minha lança, dar-me-ás glória a mim e tua alma a Hades, célebre por seus cavalos"⁴; ou, noutro passo, o comentário da morte de Perifetes às mãos de Heitor: "vencido deu, neste lance, a Heitor a maior honra e a mais alta glória"⁵. O que mais interessa no combate heróico não é ganhar ou perder, matar ou ser morto, ferir ou ser ferido: tudo isto é orientado a um fim mais alto, justificando-se exclusivamente pela honra ou excelência derivada do esforço desempenhado no combate. Deste modo se compreende como, por exemplo, Páris, tendo ferido com uma flecha Diomedes, é insultado por este nos seguintes termos: "Ó reles sagitário, fazes-te forte com o teu utensílio de ignominioso corno! Ah, indecente espreitador de donzelas, se te atrevesse a combater frente a frente, armas na mão, de que te serviriam arcos de bem sortido carcás? (...) Dardo amolgado, o dardo do homem vil! Não assim o golpe desferido por meu braço: honra o adversário, perde o homem"⁶.

É, pois, pelo combate esforçado, pelo esforço que exige um combate face a face, que o herói se reconhece e se constitui na sua heroicidade. A heroicidade consiste então no supremo esforço, assente numa tensão que exige a superação constante dos limites imanentes à condição humana. O herói descobre-se exilado numa "terra de ninguém" entre duas ordens perfeitamente estáveis, entre a ordem animal e a ordem divina. Ao herói não é concedido descansar na estabilidade de uma ordem mediadora: ele só pode ficar ou além ou aquém de si mesmo.

Na *Ilíada*, as ordens divina, humana e animal surgem aparentemente delimitadas, sendo a sua circunscrição perfeitamente estabelecida através dos ritos sacrificiais⁷: os animais, na medida em que comem a carne crua, são de uma ordem diferente da dos homens; os homens, por seu lado, distinguem-se dos animais por comerem a carne cozinhada; os deuses, por

³ *Ilíada*, VI, 232-233.

⁴ *Ilíada*, XI, 443-445.

⁵ *Ilíada*, XV, 644-645.

⁶ *Ilíada*, XI, 391-395.

⁷ *Ilíada*, I, 457-475.

fim, distinguem-se dos homens por apenas sentirem os odores da gordura queimada. Mas esta ordem é apenas aparente: o herói caracteriza-se justamente pela sua ruptura. Por outras palavras, a heroicidade exige a subversão da ordem cósmica. É esta a razão pela qual Aquiles, o mais excelente de entre todos os guerreiros e heróis homéricos, aparece como aquele homem que não encontra um lugar sob os limites humanos, aquele que é apenas capaz ou da mais divina generosidade ou da cólera mais animal. Por um lado, consegue descer à mais baixa animalidade quando, perante as súplicas de Heitor para que ao seu cadáver fossem permitidos os ritos fúnebres, lhe ameaça comer a carne crua⁸ – entrando assim manifestamente na ordem animal – ou quando, no intuito de vingar a morte de Pátroclo, arrasta o cadáver de Heitor em volta do seu túmulo⁹. Por outro lado, ascende à mais divina generosidade quando, lembrando-se do seu velho pai, Peleu, que o espera na pátria sem saber que não mais o verá, entrega a Príamo o cadáver de Heitor para que seja sepultado e chorado pelo seu povo¹⁰.

É precisamente a consciência de que no cerne da condição humana está uma tensão que a impele à superação de si mesma, configurada na *Ilíada* pelo esforço heróico, que perpassa por toda a cultura grega clássica, enraizando-se na poesia e na filosofia pré-socrática, integrando-se na síntese platónica da filosofia grega tradicional, permanecendo mesmo em alguns desenvolvimentos neo-platónicos e sublimando-se na obra dos autores trágicos. Se na tragédia esta tensão surge como algo cuja estranheza o determina como puramente exterior, como algo divino ou demoníaco, a filosofia e a tradição poética sófica tendeu a situá-la no mais íntimo e mais interior do próprio homem. Talvez seja em Heraclito que melhor se expressou este apelo, vindo do mais íntimo do homem, à sua superação por si mesmo. Quando este precede o lema délfico e socrático do γνῶθι σεαυτόν ao escrever “*procurei-me a mim mesmo*”¹¹, ele sabe já que é fundamentalmente aquele que não sabe quem é, que traz consigo num fardo doloroso a necessidade da pergunta, que descobre a sua vocação divina, a vocação da sua própria superação, na consciência da sua efemeridade. Procurar-se a si mesmo exige já ao homem, segundo Heraclito, a consciência de que tem inevitavelmente de demandar o λόγος e de

⁸ *Ilíada*, XXII, 338-354.

⁹ *Ilíada*, XXIV, 10-12.

¹⁰ *Ilíada*, XXIV, 486-620.

¹¹ frg.101-Diels.

que este nunca lhe é dado na sua profundidade¹², o reconhecimento da instabilidade da sua condição mediadora entre a paz animal e a paz divina, a experiência de que está longe da segurança da pátria desejada, como aliás os heróis gregos na *Iliada*; numa palavra, a assunção trágica de que o homem é essencialmente um δαίμων: ἦθος ἀνθρώπων δαίμων¹³. É aliás a metáfora de Eros, o grande Dáimon, filho da Pobreza e do Expediente, da total carência e do infinito anseio, que Platão, construtor da síntese total da filosofia que o antecederá, usa no *Banquete*, caracterizando a natureza específica do homem¹⁴. O homem é essencialmente aquele que desperta, na imagem de Heraclito, de entre a multidão anestesiada que dorme; que, sabendo que não sabe, está entre a quietude divina do sábio e a quietude animal do ignorante; que se disponibiliza a viver *eroticamente* ou, o que é o mesmo, *filosoficamente* a sua vida; que, reconhecendo-se no Eros, descobre simultaneamente o destino que nesse momento o condena a viver como tal. A experiência filosófica é, na sua radicalidade, tão irreversível como a experiência heróica: aquele que descobre aquilo que fundamentalmente é torna-se isso que se descobre. O homem que toma consciência da sua condição filosófica só então se inicia verdadeiramente enquanto homem, só então, como Eros no *Banquete*, emprega "a filosofar toda a sua vida"¹⁵.

Se é, como vimos, nesta ruptura da ordem cósmica que se realiza a heroicidade ou, de acordo com a consciência filosófica de tal atitude, a plena humanidade do homem, se é no excesso que o homem encontrará a sua natureza, penetrando quer na ordem da animalidade quer na ordem da divindade; numa palavra, se o herói é o δαίμων no qual Heraclito e Platão fizeram consistir a essência do homem – e Aquiles, paradigma da heroicidade homérica, é comparado frequentemente a um δαίμων, na sua fúria e insaciável sede de glória –, interessa agora ver as implicações deste carácter daimoniaco da heroicidade. O δαίμων é aquele que, não sendo propriamente nada, só é na medida em que está instavelmente entre dois pontos estáveis. Esta tensão entre a mais baixa limitação animal e a mais alta possibilidade divina, característica do humano enquanto δαίμων, é essencialmente dolorosa. E o carácter doloroso da consciência da condição daimoniaca do humano é aliás exaustivamente abordado pela tradição

¹² frg.45-Diels.

¹³ frg.119-Diels.

¹⁴ *Banquete*, 203c-204c.

¹⁵ *Banquete*, 203e.

filosófica em Platão: consideremos, apenas para exemplo, a imagem do escravo que, saído da caverna, se cega na contemplação das coisas em si mesmas¹⁶, a comparação do nascimento da sabedoria no homem a um parto doloroso¹⁷ ou a exigência de uma iniciação para que o homem seja ele mesmo, assumindo em si a condição erótica, daimoniaca ou filosófica que no seu íntimo o constitui¹⁸.

Mas se o carácter daimoniaco do homem arrasta consigo o sofrimento, é justamente o sofrimento que conduz ao reconhecimento desse mesmo carácter e da conseqüente necessidade do esforço daimoniaco. Há no herói uma ciclicidade entre o esforço e o sofrimento, de tal modo que o esforço implica o sofrimento e o sofrimento implica o esforço. É certo que o esforço heróico, na medida em que é uma irrupção em algo que lhe é vedado, na medida em que se espraia numa fúria animal ou numa elevação divina, arrasta consigo o sofrimento e a própria necessidade da desgraça do herói. Lembremo-nos de que foi a cólera de Aquiles que "almas de heróis sem conta fez descer ao Hades e seus corpos deu em repasto aos cães e às aves"¹⁹. Lembremo-nos do exemplo de Pátroclo, o qual morre justamente porque ousou superar os seus próprios limites, ao passar, contra as recomendações de Aquiles, da defesa das naus aqueias para o ataque²⁰. Lembremo-nos também de que é no momento em que o herói se afirma como herói, no momento em que o herói vê a sua glória exaltada pela vitória sobre o inimigo, isto é, no momento em que o herói leva ao auge o seu esforço daimoniaco, que o destino lhe anuncia a sua inexorável perda: assim, Pátroclo, ao morrer às mãos de Heitor, anuncia-lhe a proximidade da sua morte²¹; e Heitor, ao ser morto por Aquiles, revela-lhe também a iminência do seu fim²². Mas, se é verdade que do esforço heróico brota necessariamente o sofrimento, não o é menos que só por esse sofrimento o herói toma consciência do seu carácter heróico e, conseqüentemente, da necessidade de agir em conformidade com esse mesmo carácter. Deste modo, é só perante a morte de Pátroclo que Aquiles se descobre inexoravelmente herói, assumindo plenamente as conseqüências da sua heroicidade. É diante do cadáver de Pátroclo que Aquiles diz a Tétis: "Irei agora

¹⁶ *República*, VII, 515e-516b.

¹⁷ *Teeteto*, 148e-149a.

¹⁸ *Banquete*, 201d.

¹⁹ *Ilíada*, I, 1-7.

²⁰ *Ilíada*, XVI, 87-96.

²¹ *Ilíada*, XVI, 844-854.

²² *Ilíada*, XXII, 358-360.

em demanda daquele que abateu uma cabeça querida, Heitor; e estou disposto a receber a divindade funesta quando Zeus o queira, bem como os outros imortais. Se nem o poderoso Hércules escapou à funesta divindade, ele que tão querido era do Rei Zeus, filho de Crono! (...) Assim também eu, se tal é a minha sorte, hei-de jazer morto! Mas por agora possa eu alcançar uma nobre glória! (...) Com o teu amor não queiras reter-me fora do combate. Não o conseguirás!"²³. Aquiles só tem por destino morrer em Tróia depois do momento doloroso em que, perante o cadáver de Pátroclo, descobre esse mesmo destino. O sofrimento não é alienante. Aquiles não está ébrio de dor: é antes a própria dor que lhe possibilita uma consciência mais radical e uma mais perfeita compreensão. Só no momento em que chora a morte daquele que lhe era o mais querido de entre os aqueus, Aquiles tem a consciência radical de um destino que o condena a morrer heroicamente jovem no campo de batalha. E essa consciência, fundamento último da heroicidade, conduz definitivamente à assunção consciente e livre desse destino: a morte virá quando Zeus quiser que venha, mas primeiro há que conquistar *uma nobre glória*.

É no reconhecimento pelo herói de que, de acordo com a sua própria essência, não pode deixar de agir heroicamente, é na consciência de que não pode deixar de sofrer as consequências do seu carácter daimoníaco, que podemos encontrar o primeiro elemento trágico da heroicidade homérica. O herói reconhece-se herói, reconhece a sua profunda natureza daimoníaca, e nela descobre imediatamente a inevitável proximidade da sua morte no campo de batalha. A tragédia caracteriza-se essencialmente pela consciência da inevitabilidade da desgraça. Melhor dizendo: *na tragédia, a consciência é a própria desgraça*. Esta concepção é perfeitamente ilustrada pelas *Bacantes* de Eurípides, quando Agave toma progressivamente consciência de que é a cabeça de Penteu, seu filho, e não a de um leão, que transporta em triunfo para Tebas²⁴. O homem trágico é aquele que, pela sua própria natureza, não pode agir senão de modo a correr para a sua perda. Assim, dir-se-á que a heroicidade grega em geral, mesmo a épica homérica, é determinável enquanto tal através do desenvolvimento necessário da ὑβρις trágica: a *desmedida*, a excedência de si mesmo que implica a própria desgraça, não é o resultado de um capricho humano, constituindo-se antes como uma necessidade fundamentada na natureza daimoníaca do homem. No *Agamémnon* de Ésquilo, o Coro atribui explicitamente ao δαίμων a sucessão de ὑβρίδες na família dos

²³ *Ilíada*, XVIII, 114-126.

²⁴ *Bacantes*, 1276-1289.

Atridas – passando de Atreu para Agamémnon e deste, no futuro, para Orestes²⁵ –, mostrando assim que a ὕβρις, tendo em conta que o δαίμων enforma o carácter íntimo do homem, é humanamente inevitável. O homem que queira reduzir-se a si mesmo, procurando furtar-se à ὕβρις heróica, mantendo-se nos limites das suas capacidades e dos seus horizontes, ignorando o apelo da sua natureza daimoníaca, cai já, ao fazê-lo, na ὕβρις de não se querer superar: ao homem, lembremo-nos, não é dado senão ficar aquém ou ir além de si mesmo. É por isso que, nas *Bacantes*, Penteu, ao querer recusar exceder a ordem política pela ὕβρις dionisiaca, comete, ele próprio, a ὕβρις.

É aliás o reconhecimento trágico de que a ὕβρις daimoníaca é inevitável, de que no mais íntimo da natureza humana se move um δαίμων que escapa ao domínio do próprio homem, que anima, na *Ilíada*, a reconciliação entre Aquiles e Agamémnon. Com efeito, diz o Atrida, justificando-se do seu conflito com Aquiles: "Eu não sou culpado. Zeus, o Destino e a Erínia que caminha na bruma tiraram-me o juízo na Assembleia, toldaram-me a alma de cegueira e encruaram-me na obstinação com que eu, eu e por minhas próprias mãos, arrebatei a Aquiles a sua recompensa. Que poderia eu fazer?"²⁶. É também curioso verificar que os gregos vêm na campanha da Pérsia contra a Grécia, não o resultado do desejo de um Rei ambicioso, não a consequência de interesses determináveis, não o fruto de uma mera vontade de domínio, mas um gemido íntimo do δαίμων persa, apelando para que o Império se superasse a si mesmo, excedendo os seus limites na Ásia e invadindo a Europa. Com efeito, é a expressão da necessidade da ὕβρις daimoníaca que desvela, no seu sentido profundo, o episódio contado por Heródoto, segundo o qual Xerxes, querendo desistir de invadir a Grécia ao admitir os conselhos de Artabano, seu tio paterno, é instigado a fazê-lo por sonhos proféticos²⁷. E recordemos também a expressão por Ésquilo da inevitabilidade da desgraça do Império Persa, exigida pela necessidade daimoníaca da sua ὕβρις heróica. Depois de comparar a invencibilidade do exército de Xerxes à das vagas do mar, diz o Coro: "Mas que mortal pode escapar às astutas armadilhas de um deus enganador? Quem tem os pés tão ágeis que por sobre elas consiga saltar?"²⁸.

²⁵ *Agamémnon*, 1470-1475.

²⁶ *Ilíada*, XIX, 86-90.

²⁷ *Histórias*, VII, 8-18.

²⁸ *Persas*, 93-96.

2. A gratuidade da acção heróica: o elemento trágico fundamental

"Tudo é tão pouco"

Ricardo Reis. *Odes*

Vimos atrás que a consciência, formada pela convergência do esforço e do sofrimento, constitui o fundamento último da heroicidade e que, por conseguinte, poder-se-ia definir o herói como o homem radicalmente consciente. Há no herói ao mesmo tempo a consciência da necessidade de agir heroicamente e a consciência das consequências que necessariamente se seguem dessa acção, traduzindo-se estas no sofrimento e na proximidade da morte. Vimos também de que modo a consciência da necessidade da acção heróica é análoga à consciência da necessidade da ὄβρις trágica, derivando delas, pelo seu excesso daimoníaco, a necessidade da desgraça e da perda.

Há, pois, no momento trágico em que o herói se reconhece conscientemente como tal, assumindo a necessidade da acção heróica e das consequências que dela derivam, uma primeira irrupção de consciência, um primeiro κάιπος compreensivo. Mas este primeiro momento em que o herói se inicia conscientemente enquanto herói não esgota a consciência heróica. Pelo contrário: o herói vai-se tornando gradualmente consciente até à plena lucidez da morte. É por esta razão que as últimas palavras de um herói se revestem de um carácter profético. Demonstram-no os casos, a que já fizemos referência, do anúncio da morte de Heitor por Pátroclo e da morte de Aquiles por Heitor. O mesmo revelam as palavras de Andrómaca, lamentando a morte do esposo: "fica-me o eterno pesar de não ter assistido à tua morte, pois do teu leito não estendeste para mim os braços moribundos, nem me disseste a última palavra plena de sentido, ditada por teu espírito tão esclarecido, tão razoável, tão meigo, tão bondoso! Essa última palavra, tua última recomendação, eu a haveria de rememorar noite e dia, e seria minha luz entre as minhas lágrimas"²⁹. Se se verifica a superação do estágio primordial da consciência heróica, estágio esse pelo qual o herói reconhece a necessidade de ser herói e tudo quanto dessa necessidade inevitavelmente deriva, e se neste reconhecimento se encontra um primeiro elemento trágico, dever-se-á supor que existe, na superação do estágio primordial de consciência, uma análoga superação do elemento trágico que lhe está vinculado. Contudo, tenhamos em conta que um

²⁹ *Ilíada*, XXIV, 742-745.

segundo elemento trágico, sugerido pela superação do estágio de consciência que enforma o primeiro, não elimina o anterior. Pelo contrário, ele corresponde ao seu aprofundamento, a um desenvolvimento *analítico*, não *sintético*, da plenitude trágica que o primeiro encerra.

Ao descobrir-se herói, ao agir heroicamente, o herói tem a consciência simultânea de que a sua morte está próxima. Mas este conhecimento de um destino que o condena a uma morte jovem dificilmente se pode ter como uma presença radical da própria morte. Dir-se-ia que a consciência da proximidade da morte é ainda ténue, ofuscada pela exigência ígnea do esforço daimoníaco. Aquiles, no momento em que se reconhece como herói, declara apenas que se encontra "disposto a receber a funesta divindade quando Zeus o queira"; o necessário, a verdadeira necessidade presente é a conquista de "uma nobre glória". Noutro passo, o Pelida repreende o seu cavalo por este lhe anunciar a sua morte iminente: "Xanto, porque me anuncias a minha morte? Devias estar calado. Sei muito bem que é meu destino perecer aqui, longe de meu pai e de minha mãe; contudo, não abandonarei o combate sem ter saciado de guerra os troianos"³⁰. Há, pois, um progressivo aprofundamento da experiência primordial pela qual o herói se apercebe da brevidade da sua vida. É certo que no momento em que comete a *ὑβρις* heróica, o herói tem já a consciência de quais serão as suas consequências. Mas tal não quer dizer que o herói viva já radicalmente, *tragicamente*, a necessidade da sua morte. Pelo contrário, por maior que vá sendo a progressiva radicalização da consciência da necessidade de uma morte próxima, existe sempre sobre esta um primado da consciência da necessidade da acção heróica. Só assim se compreende o sentido profundo das palavras de Heitor ao despedir-se de Andrómaca, mostrando a consciência de que Tróia está irremediavelmente perdida justamente no momento em que se dirige, em sua defesa, para a frente de batalha: "A sós com a minha alma e o meu coração, sei-o bem: virá um dia em que perecerá a santa Ílion, e Príamo, e o povo de Príamo de forte lança. Mas nem a desgraça iminente dos troianos, nem a de Hécuba mesmo, nem a do Rei Príamo e a de meus irmãos, que são fortes e numerosos e vão cair no pó sob golpes dos guerreiros inimigos, é o que mais me inquieta o espírito; mas a tua dor, quando te vires cativa de um aqueu revestido de bronze, chorando lastimosa o último dia da tua liberdade"³¹. E compare-se esta defesa por Heitor daquilo que sabe ser o indefensável com

³⁰ *Ilíada*, XIX, 420-423.

³¹ *Ilíada*, VI, 447-455.

a exortação de Sarpédon, filho de Zeus, a Glauco: "Ah, amigo! Se, escapando a esta guerra, ficássemos para sempre livres da velhice e da morte, ninguém veria o filho de meu pai na primeira fila e deixava a minha bravura lá mais para a retaguarda; e tão pouco a amizade me permitiria empurrar-te para a gloriosa batalha. Mas, pois que as divindades da morte são como moinhas, rondam-nos aos milhares e a um humano é impossível evitá-las e fugir-lhes, então coração ao largo e a outrem demos glória ou que outrem glória nos dê"³².

O herói sabe que o seu destino, enquanto homem, seja ele o melhor de entre os heróis ou o mais vil de entre os mortais, é errar como uma sombra no reino de Hades. Lembremo-nos do Coro da *Antígona* de Sófocles, o qual, depois de exaltar o homem como o maior dos prodígios, conclui: "apenas ao Hades não pode escapar"³³. Esta consciência da inevitabilidade da corrupção, esta sensibilidade de que tudo o que há de mais grandioso no horizonte humano tem em si a marca inexorável da finitude, esta angústia íntima que encontra no fundamento da vida humana a necessidade da própria morte, expressa-a melhor do que ninguém Xerxes, reconhecendo que, no seio da tremenda grandeza do seu exército, germinava já a sua destruição. Escreve Heródoto: "Assim que viu o Helesponto inteiro coalhado de navios, todas as suas margens e as planuras de Abido cobertas pelos seus homens, Xerxes felicitou-se a si próprio, mas, em seguida, chorou. Logo que se apercebeu disso, seu tio paterno, Artabano, aquele que anteriormente aventara a opinião de que não era aconselhável marchar contra a Grécia, esse homem, ao notar as lágrimas de Xerxes, disse-lhe: "Ó Rei, como é diversa a tua atitude de agora e de há pouco! Há momentos felicitavas-te, agora choras!". Disse ele: "Sinto uma enorme pena quando penso quanto é breve a vida humana: de tantos homens que aqui estão, dentro de cem anos, nem um só sobreviverá"³⁴.

E é aqui, no reconhecimento de que por mais prodigioso que seja um homem, por mais excelente que seja um herói, por mais invencível que seja um exército, o espera a perda e a ruína, expressa numa subsistência sombria no Hades, que reside o elemento trágico mais profundo. Tal elemento, na consciência que o caracteriza, nunca é, em vida do herói, radicalmente actualizado. Existe sempre um primado da consciência heróica propriamente dita, isto é, da consciência da necessidade da acção heróica como

³² *Iliada*, XII, 322-328.

³³ *Antígona*, 332-362.

³⁴ *Histórias*, VII, 46.

imperativo a partir do qual se assumem por derivação as consequências dessa mesma acção. Só na própria morte, onde a consciência pode adquirir uma lucidez absoluta, a morte se torna uma presença radical, manifestando-se nela, como elemento trágico fundamental da heroicidade grega em geral, a absoluta gratuitidade da acção heróica. Ao contrário das concepções épicas ancestrais, expostas em textos como o *Bhagavad-Guita*, onde o Deus justifica ao herói a necessidade da acção heróica pela possibilidade da sua ascensão salvífica a um estado de consubstancial união com a própria divindade, escapando à ciclicidade cósmica do devir universal, a épica grega distingue-se especificamente pela tragicidade, ou seja, pela sua apresentação do herói como o mais desgraçado de entre os homens, por ser, de entre todos os mortais, aquele que por menos tempo verá a luz do Sol. No *Bhagavad-Guita*, Crisna diz a Arjuna: "Muitos homens, livres de desejos, do medo, da cólera, tomam o refúgio em mim. E, purificados pela prática da ascese, têm chegado a mim"³⁵. Deste modo, ao herói era dado "livrar-se do ciclo do nascimento e da morte", chegando "ao estado de perfeição, condição suprema"³⁶. Nada de mais contrário ao herói homérico: o herói grego é aquele cuja consciência não só não elimina a inevitabilidade da morte, como, projectando-o numa ὄβρις daimoníaca, lhe antecipa a morte inevitável. O herói homérico é o homem eleito para a desgraça. Assim, quando Ulisses exalta Aquiles como sendo um Rei no Hades, responde-lhe este, na plena lucidez que só a morte permite: "Não me elogies a morte, ó glorioso Ulisses! Antes queria ser servo, em casa de um homem pobre, que não tivesse recursos, do que ser agora Rei de quantos mortos pereceram"³⁷.

É, pois, o elemento trágico, a consciência da necessidade de uma acção heróica que implica a perda, consumando-se na consciência da morte como desgraça inelutável, que caracteriza enquanto tal, mediante a épica homérica, toda a cultura helénica. Mas esta inevitável tragédia não é senão o horizonte no qual o herói grego se constitui na paradoxal alegria com que enfrenta a desgraça a que sabe estar votado. Não nos esqueçamos de que o reconhecimento da morte e da finitude jamais é vivível, jamais é integrado em toda a sua radicalidade, no horizonte vital do herói: primeiro, há que conquistar, por imperativo do δαίμων que o anima, *uma nobre glória*. A heroicidade, enquanto modo de vida, não se distingue pela

³⁵ *Bhagavad-Guita*, 4, 10.

³⁶ *Bhagavad-Guita*, 2, 51.

³⁷ *Odisseia*, XI, 488-491.

renúncia perante os limites e a desgraça. O herói revela-se, pelo contrário, na assunção veemente do risco, no despojamento sincero da segurança, na tensão agónica entre a eternidade e a finitude, a alegria e a dor, a vida e a morte. Da atitude fundamentalmente trágica do herói homérico bem se poderia dizer, como Miguel de Unamuno no *Sentimento Trágico da Vida*, *que se é o nada que nos está reservado, façamos então com que isso seja uma injustiça.*